

01

SÉRIE DELTA GAMMA ZETA

TOCOS OS
MOMENTOS
AO SEU LADO

Autora da série *Encontros Inesperados*

GABRIELA BORTOLOTTI

TOCOS OS MOMENTOS AO SEU LADO

01

SÉRIE DELTA GAMMA ZETA

Autora da série *Encontros Inesperados*

GABRIELA BORTOLOTO

COPYRIGHT © 2022 GABRIELA BORTOLOTTO

Todos os direitos reservados

Esta obra foi revisada conforme o *Novo Acordo Ortográfico*.

Estão proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o devido consentimento. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela **lei nº 9.610/98** e punido pelo **artigo 184** do **Código Penal**.

Esta obra literária é uma ficção. Qualquer nome, lugar, personagens e situações são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Projeto Gráfico Editorial

@gbdesigneditorial (Genevieve Stonewell)

Revisão

@gbdesigneditorial (Alina Bass)

@biancabonotorevisora (Bianca Bonoto)

Ilustrações

@olhosdtinta (Gabriela Góis)

TODOS OS MOMENTOS AO SEU LADO

[Recurso Digital] / Gabriela Bortolotto — 1ª Edição; 2022

Romance Contemporâneo 2. Literatura Brasileira 3. New Adult 4. Ficção I.

Título

playlist

Aponte a câmera para o código e seja direcionado para o Spotify.
Escute a [playlist oficial](#) do livro durante a leitura.







sumário

[PLAYLIST](#)

[SUMÁRIO](#)

[NOTAS DA AUTORA](#)

[UM](#)

[DOIS](#)

[TRÊS](#)

[QUATRO](#)

[CINCO](#)

[SEIS](#)

[SETE](#)

[OITO](#)

[NOVE](#)

[DEZ](#)

[ONZE, parte I](#)

[ONZE, parte II](#)

[DOZE](#)

[TREZE](#)

[QUATORZE](#)

[QUINZE](#)

[DEZESSEIS](#)

[DEZESSETE](#)

[DEZOITO](#)

[DEZENOVE](#)

[VINTE](#)

[VINTE E UM](#)

[VINTE E DOIS](#)

[VINTE E TRÊS](#)

[VINTE E QUATRO](#)

[VINTE E CINCO](#)

[VINTE E SEIS](#)

[VINTE E SETE](#)

[VINTE E OITO/BÔNUS](#)

[EPÍLOGO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

Para todos aqueles que, em um momento ou outro, pensaram em desistir ou se sentiram o sinônimo do fracasso. Está tudo bem ter alguns dias ruins, você é o seu melhor mesmo neles.

Também dedico à Allie e ao Chris, que me ajudaram a perceber que continuar a trajetória valeria muito a pena, obrigada por ocuparem minha mente quando tudo parecia estranho aqui dentro.

E Gabi, porque você me fez ter confiança para me permitir ter dias ruins e me deu um ombro sempre disponível, eu te amo muito, sempre.

notas da autora

Oie! Obrigada por chegar aqui em Todos os Momentos ao Seu Lado, fico feliz que tenha escolhido essa leitura, esse livro tem um significado muito especial para mim e espero que saia dessa leitura com o coração quentinho, com ansiedade para o próximo e também espero que se apaixone por esse universo tão importante para mim. Porém, antes de começarmos, preciso deixar um pequeno alerta aqui.

Em TOMASL, vocês vão encontrar a Allie, nossa protagonista.

Depois de escrever a Beatrice, a protagonista de Taken, me vi viciada em querer me colocar no meio das páginas, de trazer minha experiência pessoal com meu próprio corpo, ao mesmo tempo que tentei trazer também minhas leitoras, os comentários, elogios e críticas. Por isso, quero deixar aqui meu aviso que a Allie não tem um corpo considerado padrão dentro dos padrões estereotipados da sociedade.

Não vou entrar no mérito da discussão aqui sobre o que é ou não padrão e afins, entretanto, preciso avisar que a nossa Allie está em um “*meio do caminho*” entre o magro e o gordo.

Ela tem um corpo que, pelas minhas pesquisas, se encaixa em um padrão mid-size. Em um determinado momento do livro, vocês irão ter a descrição da própria Allie sobre seu corpo e poderão compreender melhor. O ponto que quero chegar é: você pode encontrar falas **gordofóbicas** aqui. É um trecho pequeno? Sim, mas acredito que seja importante alertar para que não cause choque ou desconforto.

Como uma pessoa que já passou por isso em diferentes estágios da vida, e do meu corpo, colocaria como um grau leve de gordofobia, porém não acho que seja certo eu regular os

sentimentos alheios baseando na minha experiência pessoal, por isso, fica o alerta.

Aviso dado, saiba que o livro não irá se passar em cima disso. Allie tem uma relação saudável com o próprio corpo e com a própria saúde. Allie também é, em certo ponto, uma Gabi, então podem ter a certeza que os sentimentos dela não são desconsiderados e não é um tema fulo dentro do livro, porém, compreendam também que, assim como eu, Allie se ama como é, mas todos temos nossos dias ruins.

Outra questão: o relacionamento da Allie com a família é bem ruim, é um **relacionamento parental bem tóxico e conturbado**, gostaria de deixar um alerta a respeito disso também. Os pais da Allie são o tipo de pais que mal merecem essa denominação, pelo menos não quando se trata da filha mais nova.

É isso, tenha uma boa leitura.

Com amor,
Gabi

UM

*Show me what I can't see; 'coz I don't recognize me
Wide awake in my sleep*

{...}

*I'm tripping over my feet; with promises I can't keep
I don't recognize me; and it scares me*

Everybody But Me — Nick Wilson

CHRISTIAN MCDANIEL

Minha vida vem se tornando uma coleção de escolhas erradas.

Não que eu venha fazendo qualquer coisa para mudar isso.

A minha primeira escolha errada de hoje? Simples: acordar. Mas, antes disso, tive outra decisão bem errada ontem e ela foi beber como se não houvesse amanhã.

Adivinhe só? O amanhã chegou com uma puta ressaca e uma dor de cabeça infernal. E o otário aqui foi só colecionando coisas boas no dia de hoje. O segundo erro desta quarta-feira? Descer as escadas da minha casa, isso mesmo. E o motivo pelo qual isso foi uma péssima ideia é a bagunça pós-festa que ficou. Não fui o único estudante da Quinn University que decidiu que seria uma boa ideia curtir uma festa na terça-feira, o problema é que fui o estudante escolhido para ter dois melhores amigos que *amam* dar festas em qualquer dia da semana.

Não me entenda mal, Simon e Jake são os melhores amigos que eu poderia ter, entretanto, às vezes, a animação deles é um pouco contagiosa demais. E isso nem sempre é bom.

Descendo as escadas da minha casa encontrei uma bagunça gigante. Logo eu, o organizado quase metódico. Gosto de manter as coisas em ordem, odeio a bagunça. Convivo com dois caras que não são os maiores fãs disso, então, pode ser cansativo, às vezes. O que me leva ao meu terceiro erro: o atraso! Levei um bom tempo limpando tudo e acabei negando ao meu estômago um café da manhã reforçado, e posso ter chegado atrasado na minha aula de Economia Aplicada para Investimentos — o que é um nome bem estranho para uma matéria.

A senhora Sullivan ficou extremamente *feliz* com isso, logo não me restou dúvidas sobre eu realmente ser o seu aluno favorito e foram outras inúmeras escolhas erradas desde então.

O nome de Simon brilha na minha tela e ignoro a ligação, fazendo com que ela caia na caixa de recados. Dobro meu corpo até encostar a cabeça no volante e solto um grito contido e frustrado. Escolha errada número mil e um do dia, porque minha cabeça reclama com o som. Suspiro, voltando a encarar o prédio moderno de dois andares na minha frente. É grande, bem grande.

Sullivan me adora, isso todos já sabem, mas hoje sua adoração foi além, motivada pelo meu atraso, meu sono evidente e a ressaca. Minhas notas não são ruins, mas não são ótimas e, ao que parece, preciso melhorar. O reitor, que realmente me adora, pediu para que os professores pegassem leve conosco, jogadores, porque a temporada ainda está no começo. Esse é o combustível para o ódio de professores, como a senhora Sullivan.

O trabalho para pontos extras que ela me passou, válido se entregar até sexta, não é tão simples e fácil assim, mas acho que mereço sua raiva. Deve ser irritante pra caralho ter que reduzir seu julgamento em um aluno só porque ele é muito bom no gelo.

E eu sou irritantemente bom.

Não que isso me faça evitar um gemido de dor ao me endireitar no assento, porque minhas costelas ainda doem do jogo passado. E a temporada só começou. A outra escolha errada de hoje foi referente a isso, porque não tinha nada além de uma maçã no estômago quando fui para o treino e foi terrível. Vomitar no ringue não era uma opção, porque aumentaria os gritos entusiasmados dos

meus amigos que não pareciam estar sofrendo com uma ressaca tão grande quanto a minha.

Eles estavam animados no vestiário, assim como inúmeras outras pessoas do lado de fora. O campeonato mal começou e os fãs de hóquei já estão eufóricos.

Fecho os olhos e tomo uma decisão boa, começando a tirar a jaqueta do time e a jogando com minha bolsa esportiva no banco de trás do carro. Não qualquer carro, meu jipe. Não qualquer jipe, um Mahindra Thar. É um deus do jipe na minha concepção. Substituo por um moletom cinza e subo o capuz pela cabeça, desmanchando a não arrumação de cabelo que tenho.

Antes que possa me arrepender, pego minha mochila no banco do carona, agarro meu celular no console e tiro as chaves da ignição. Estalo as costas depois de fechar a porta do motorista quando saio do carro e caminho até as portas duplas. O estacionamento é largo assim como o prédio à minha frente, mas não está nem a sua metade está cheio, o que mostra a popularidade da Biblioteca Kimberly Quinn.

Esse é um sobrenome tão chato e estou constantemente rondado por ele.

Abaixo a cabeça enquanto ando, mas quais são as chances de ter alguém muito fã dos Red Foxes por aqui a ponto de me parar para um autógrafo? Não que eu seja do tipo que acredito em estereótipos, porém os nerds são os fãs mais tranquilos, que não gritam ou fazem grande caso sobre minha presença.

Isso quando reconhecem minha presença.

A catraca na porta me exige a credencial e passo o código de barras da minha carteira da faculdade para ultrapassar o sistema moderno que compõe toda a universidade. A QU é nova, localizada em Morgan, uma cidadezinha universitária minúscula no estado da Dakota do Norte, mais perto do Rio Missouri do que da nossa capital. O que significa que estamos ao norte, muito ao norte, dentro dos Estados Unidos.

Morgan — que também é um ótimo nome para uma cidade — não é conhecida como universitária por causa da QU. Não, nós temos concorrentes fracos do outro lado da cidade, a Holton University, que é outro *grande* nome. A Holton é, pelo menos, meio

século mais antiga do que a Quinn, e é por aí que começa a competitividade. Nossa ala de esportes é melhor, mas eles têm formado grandes nomes na área da física. Em minha defesa, nós temos nosso esporte e nossa tecnologia de ponta, outro ponto forte daqui.

Olho ao redor da biblioteca gigantesca. Há dois anos, o motivo pelo qual decidi que a Quinn seria uma escolha melhor foi por isso, mas é um segredo bem guardado. Por mais motivos do que eu gostaria que fosse. A Biblioteca Kimberly Quinn é linda, enorme, e tem tantos títulos que eles devem ter dificuldade de contar. São livros técnicos, dissertações de antigos alunos, livros didáticos, mas também vários títulos de ficção para entretenimento — eu chamaria de conhecimento.

Respiro fundo, deixando que o cheiro agradável de livros preencha meus pulmões. O cheiro das páginas cheias de histórias, de teorias, de novos ensinamentos a serem descobertos, de vida. Sorrio, me sentindo em paz pela primeira vez no dia e marcho até a sessão no segundo andar sobre finanças, contrariando meu coração e mente que pedem outras coisas.

As sessões com livros destinados a esse assunto interessante que resolvi cursar está vazia, porque ninguém está à procura de um livro sobre esse assunto por prazer e é começo de semestre para o desespero habitual das provas.

Recolho os livros que imagino precisar e me sento no chão, com as costas encostada em uma estante e abro meu notebook. *Querida senhora Sullivan, eu a odeio*, penso em começar assim, porém sorrio como consigo enquanto digito:

As desvantagens dos investimentos precipitados e os riscos do mercado on-line (e-commerce)



— Olá? Santo Deus, que tipo de sono pesado é esse? — a pergunta vem em um tom estressado, junto com uma sacudida de ombros. Um tom estressado, mas suave. Parece com a voz de anjos. — Ei! Você precisa acordar. Por que eles sempre decidem dormir aqui? — ela continua, porque é uma garota. Sei disso quando espio, abrindo só um pouquinho o olho direito e a pegando com a mão na testa, claramente estressada.

A voz angelical é bonita pra caralho. Nunca vi um perfil tão bonito assim. Ela está agachada ao meu lado, com as pernas juntas para o lado e me escondendo qualquer coisa que possa haver por baixo da sua saia jeans. Usa meia-calça preta bem grossa, que contorna muito bem suas coxas voluptuosas e suas panturrilhas largas. Quando seus olhos ameaçam me olhar novamente, paro de analisá-la.

— Existe um lugar bem mais interessante aqui dentro para dormir, sabia?

— Na verdade, não! — respondo, abrindo os olhos e a deixando com os dela arregalados. São castanhos claros, algo puxado para o mel. A anjinho loiro na minha frente quase cai de joelhos com o susto, mas se recupera com facilidade. — Onde seria?

— Você não estava dormindo — ela constata. — No final do corredor — sua resposta me causa confusão e ela prossegue: — O lugar mais confortável para dormir.

— Eu estava dormindo, até você me acordar. Obrigado, inclusive.

— Teorias da conspiração sobre *e-commerce* o deixaram sonolento, foi? Não é de se admirar, porém é um bom trabalho. — Ela aponta com o queixo para o meu notebook aberto, com meu trabalho quase finalizado. — Vem, vou te mostrar um lugar melhor para dormir, antes que fique com uma enorme dor nas costas.

Ela se levanta de prontidão, esticando suas belas pernas bem na minha cara e desvio a atenção para os meus materiais. Não é bem minha praia isso de tirar uma casquinha sem ser convidado, e acho que ela não fez um convite. Na verdade, a voz de anjo — como irei chamá-la — sorri com os lábios fechados enquanto me espera juntar minhas coisas.

Seus cabelos são loiro médio, batendo um pouco abaixo dos ombros, lisos e um pouco volumosos, como se ela ficasse

constantemente os bagunçando. Um suéter azul-claro está enfiado para dentro da saia jeans que vai até metade das coxas. O suéter é largo demais para ela, mas a saia marca o suficiente para que eu veja que o rosto e a voz também tem um corpo igualmente angelical.

As coxas grossas fazem par com um quadril um pouco mais largo...

— Eu não estou sendo paga para modelar, então se quiser ficar olhando, também não tem o direito de tirar uma foto. — Ela pisca para mim e pareço um abobalhado me levantando.

Pelos deuses dos jogadores do Hóquei, onde está o meu jeito de ganhão-galinha super confiante? Pigarreio, tentando voltar aos meus sentidos enquanto a sigo pelo corredor.

— Paga? — pergunto.

— Eu trabalho aqui, na Biblioteca da faculdade. Eu sei — ela dá um aceno com a mão —, parece chato, mas juro que é bem legal. Olhe só para o dia de hoje, além de você, peguei um casal no maior amasso e foi mega engraçado vê-los se justificando. Tive que falar para uma menina que o babaca do namorado dela provavelmente está traindo-a, porque ele nunca frequentou a biblioteca no último mês, como diz constantemente a ela para justificar sua ausência. E você, um estudante entediado com as economias e vendas on-line.

— Não estou entediado — afirmo. — Só muito cansado. — O que me lembra que deveria estar de ressaca, mas ela sumiu e não sei se isso foi ocasionado pela presença dela ou pelo cochilo. — Você leu meu trabalho?

— Em minha defesa, estava aberto e você demorou demais para finalmente acordar, acabei dando uma olhada.

— Está bom? — não evito a pergunta, porque esse trabalho vale dois pontos que vão me salvar.

— Eu faço Literatura Inglesa, não sou a melhor pessoa para opinar. Está bem escrito, mas se o conteúdo é realmente bom, não posso dizer. — Ela dá de ombros.

— Isso deve servir para algo. — Imito o gesto dela e continuo a segui-la pelo corredor.

Uma grande gargalhada, ou um conjunto delas, ecoa no andar de baixo e o Anjo dá uma olhada pelo guarda-corpo do corredor. Eu

também levo meus olhos até lá e viro o rosto na hora, com medo que alguém possa acabar olhando para cima e me achando aqui. Ela torce o nariz antes de seguir seus passos, dando uma olhada para mim pelo ombro.

— Espera, você é um deles, não é? Do grupo *jogadores irritantes*, em grande maioria babacas, etecetera e tal.

Abro a boca e perco as palavras. Ela para na entrada de uma sala privativa de estudos, estão todas vazias por aqui, e me fita com os olhos enrugados. Aqui vamos nós para a mil e três.

— Não! — afirmo rápido demais. — Não, claro que não. São barulhentos demais.

Nós somos, mas isso não é um grande problema para mim. Pigarreio, limpando a garganta e tentando parecer indiferente. Por alguma razão, acredito que se dissesse que faço parte desse grupo seletivo de barulhentos, a Anjo na minha frente não iria mais ser tão simpática, ou talvez ela possa me empurrar pelo guarda-corpo e até admirar a minha queda até do térreo.

Existem muitas pessoas que não vão com a nossa cara, mas elas são uma grande minoria. Somos como os reis da faculdade, o reitor nos adora, os professores costumam nos adorar, sempre damos as melhores festas e somos a animação de todas elas. É estranho achar alguém que não nos ame. Mas quando achamos, tento respeitar.

Entretanto, a garota na minha frente me leva além da vontade de *respeitar* a opinião dela. Quero que ela goste de mim, quero mesmo que ela goste de mim por algum motivo que ainda não consegui processar. Ela sorri de canto e confirmo que tomei a decisão certa ao negar. Com um aceno de cabeça, sou convidado a entrar na sala de estudos e assim faço, sendo seguido por ela.

— Sou a Allie, inclusive. — Sua mão me é estendida e eu, tocando a pele suave da sua mão e apreciando a forma como seus dedos longos se fecham ao redor da minha, decido tomar outra decisão errada.

— Chris.

Esse é o meu nome. Mas além dos meus pais, ninguém me chama de Chris. Até mesmo minha irmã mais nova utiliza o apelido que ganhei com os anos.

— Aqui está um espaço bem mais confortável se quiser dormir, e menos aberto — ela comenta, ainda parada na porta, olhando ao redor e, pela primeira vez desde que entrei, consigo tirar meus olhos dela.

É um espaço pequeno, com uma poltrona que aparenta um conforto mínimo, uma mesa larga de estudos com quatro cadeiras. É fechada por divisórias de algo que parece um plástico resistente, parecendo bem suspeita até, porque é privada *demais*.

Posso pensar em uma longa lista de coisas que podem ser feitas por aqui além de estudar, e me pergunto quão resistente essa mesa é.

Meus pensamentos vagam para longe demais enquanto os dois olhos castanhos dela seguem me fitando. Os olhos de *Allie*, o que me deixa perguntando se isso é um apelido ou um nome inteiro. Consegui aprender a ler as mulheres ao longo da vida e não me entenda mal, é para um bem maior. Pense bem, se eu fosse somente um desgraçado sem coração, como algumas delas acreditam que sou, não me esforçaria para conhecê-las a fundo, a ponto de saber quando devo ou não cair fora.

Novamente, não me entenda mal, mas relacionamentos não são minha praia. Já tive um? Depende do ponto de vista. Quero descobrir como é realmente? Acho melhor não. A vida é curta demais e foi feita para ser gasta da melhor forma possível, e faço isso na medida do que eu acho possível. Mas continuando, a forma como ela me olha mostra que está prestes a sair, por isso, acho um novo assunto.

— Você realmente acha que o texto está bom? Ele me vale dois pontos.

— Se eu fosse você, organizaria uma coisa ou outra, algumas frases não fazem sentido e algumas palavras estão escritas erradas. — Puxo o lábio inferior enquanto a escuto e inclino a cabeça para o lado. Ela grunhe, fechando os olhos. — OK, OK. Eu posso te ajudar com isso, não precisa me olhar como um cachorro que caiu da mudança. O que, na verdade, é uma grande injustiça da vida, já pensou sobre isso?

Me sinto um abobalhado ao abrir e fechar a boca, mas ela não presta atenção enquanto entra na sala e se senta em uma das

cadeiras, seguindo a resmungar algo que não compreendo ou não consigo prestar atenção. Eu estava mesmo olhando para ela dessa forma? Espero que não.

Faço movimentos monótonos, colocando o computador na mesa, jogando a mochila e alguns livros no chão e me sentando ao seu lado. Deixo que Allie puxe o computador para perto e a observo atentamente, o que é bem fácil. Seu rosto é angulado, apesar de ser em um formato de coração, com as bochechas fofas. Ela tem um nariz empinado e uma boca bonita, com lábios médios e em um rosa escuro. Eles parecem macios e tive minha cota de bocas na vida para identificar esse tipo de coisa.

— Sabe — começo —, não precisa me ajudar. Tipo ler todo meu trabalho e essas coisas.

— É uma coisa minha — responde, me deixando com o cenho franzido. — Gosto de ajudar as pessoas, é uma coisa minha. E não me toma nem quinze minutos ler isso aqui e ajustar algumas coisas. Meu horário já acabou também, de qualquer forma.

Allie levanta os ombros e segue lendo sem me dar muita atenção. É engraçado — e bom — conversar com alguém assim. Se ela me achou bonito, não está fazendo grande caso disso. E eu amo a fama que vem com o esporte, porque facilita bastante, mas também é confortável poder relaxar da pose que tenho feito nos últimos anos, é bom não ser reconhecido.

— O que leva alguém a fazer algo que envolva tantos números? O que leva alguém a fazer Economia? — ela questiona, me tirando do meu transe e piscando várias vezes para absorver o que foi dito.

— O que leva uma pessoa a ser funcionária da biblioteca da faculdade? — retruco, e ela pressiona os lábios juntos, respirando fundo a ponto de dilatar bem suas narinas. — Tópico sensível, entendi.

— Não...

— É algo de família — a corto, para que não se justifique sem querer —, todos somos envolvidos com números. Meu avô abriu uma empresa de contabilidade, meu pai a tocou e hoje mexe com outros ramos. Eu gosto de lados como a econometria, porque sempre tive uma grande queda por estatística e é algo que posso

juntar. Mas economia básica ou contabilidade fazem parte do ramo da família.

— Você realmente gosta disso? — Ela aponta para a tela do computador, voltando a olhar para mim. — Nada contra, na verdade, só curiosidade.

— É estranho? Gostar disso?

— Gostos peculiares e coisas afins. — Allie dá de ombros novamente antes de ambos acabarmos em uma risada compartilhada.

— Me sinto mal por reconhecer a referência.

— Não se sinta — ela bate no meu braço —, são *bons* filmes. Entretanto, eu entendo seus gostos. Todos precisam ter um, certo? Além do mais, se não fossem por pessoas que gostam de econometria, não teríamos...? — Ela franze o cenho e abre a boca para explicar, mas Allie me cala com um gesto. — É, eu acho que ainda não consigo compreender muito seus gostos.

— Certo, mas sim. Eu gosto disso. Não é só porque é um negócio da família. Na verdade, meu pai chegou a sugerir que eu seguisse carreira como... — *Jogador*, mas não falo em voz alta. — Outras coisas, então é uma ideia aberta. Porém, gosto disso.

— É bom, gostar do que vai fazer para o resto da vida, digo. Gosto de estudar literatura também, além de trabalhar aqui. Não é um tópico sensível, é só porque é mais fácil passar boa parte dos meus dias aqui do que... em qualquer outro lugar. — Allie torce o nariz e fica bem fofa quando faz isso. — Tanto faz, já expus demais minha vida para um desconhecido.

— Você sabe bastante de mim também. — Mais do que muitas pessoas sabem até. — Obrigado, pela ajuda. Vou dar uma olhada e acertar o final ainda.

— Sempre que precisar... — Ela semicerra os olhos para mim. — Na verdade, não precise muito.

— Tá... — falo, rindo.

— Bem, foi bom te ajudar. Espero que ganhe seus dois pontos — ela diz, já se levantando da mesa.

— Também espero.

Com um aceno, ela vai se afastando e então tomo *uma* decisão certa.

— Todos os dias, hm? — falo, meio sem jeito.

— Quase todos os dias! — ela pontua, conseguindo compreender do que falo. — Tente a sorte.

O fim da sua frase é acompanhado pela sua saída da sala de estudos privada e me deixa com um sorriso nos lábios, porque ela respondeu minha pergunta sem eu nem precisar fazê-la.

Subitamente, tenho vontade de ser presença mais frequente no lugar que me incentivou a vir para a Quinn, por outros motivos que não a infinidade de livros.

DOIS

*But how many times you repeat the same mistakes?
How many times did it take to forgive you?
And then you start hurting me
Pushing me away from you*

Losing Us — Raissa Anggiani

ALYSSA HARPER O'QUINN

— Está horrível — Ayla constata, parada na porta do meu quarto.
— Obrigada por tamanha gentileza — respondo com um revirar de olhos antes de me arrumar melhor na cama. — Você está sempre muito parecida com uma Kardashian-Jenner-Hadid perdida.
— Eu me esforço. — Ela joga as tranças compridas para trás do ombro, exibindo sua boa aparência de sempre.
— É, eu sei disso.
Ayla é absolutamente a pessoa mais linda que eu conheço e ela sabe disso, o que dá a minha melhor amiga uma grande confiança. Nós compartilhamos muita coisa além da casa, como bom gosto para filmes, músicas pop e nosso ódio com esportes no geral, mas principalmente com hóquei. Ayla Garrett Kennedy — como o falecido presidente — é uma garota bonita, sua pele negra nunca parece ter nenhuma imperfeição — o que me deixa com inveja, porque fazemos noites de *skincare* juntas e não obtenho esse resultado —, cabelo preto que, desde que nos conhecemos há dois anos e meio, está trançado em camadas grossas e sempre bem feitas.

Ela também não mente sobre seu histórico de líder de torcida, com um corpo bonito e atlético. Tenho orgulho dos meus seios grandes e Ayla joga contra mim sua bunda acima da média. Além de tudo, minha melhor amiga é uma das melhores musicistas que eu já tive o prazer de acompanhar.

Não sei se Ayla é perfeita, muitos se referem a ela como uma garota perfeita, mas eu sei que amo a minha melhor amiga como nunca tive a oportunidade de amar uma amiga antes. Somos compatíveis em muitas coisas e sei que nem todo mundo pensaria assim visto de fora. Ela é extremamente bonita, cativante, extrovertida, confiante, inteligente pra caramba e também muito criativa. Ayla odiaria ouvir isso, mas ela é como uma grande nerd estereotipada de filmes e livros, mas no corpo de uma garota gostosa — o que também é um estereótipo de filmes — e com a personalidade das garotas legais.

Não sou exatamente tudo ao contrário, mas não chego tão perto de ser cativante como Ayla.

— OK, me conte do seu dia! — ela pede, animada.

— Nada tão legal — respondo, dando de ombros enquanto ela se senta na minha cama. Conto a ela todos os acontecimentos do dia, da namorada que provavelmente foi traída e do casal se pegando. — Teve um cara também.

— Um cara? — a pergunta de Ayla é muito pretensiosa.

— Não assim — digo, revirando os olhos —, era só um cara. Eu nunca o vi por lá, mas foi... divertido.

— Eu prefiro quando você ativa o modo tagarela, sabia?

— Não tem muito o que dizer. — Dou de ombros e suspiro. — É só porque foi um dos pontos altos do meu dia.

— Certo — Ayla fala de forma arrastada —, o que foi o ponto baixo?

Ela me conhece bem demais, o que é algo que amo, porque não preciso dizer tudo com todas as letras para que seja compreendida. Ayla engatinha na cama até deitar ao meu lado.

— Meu pai quer fazer um memorial para o James e acho a ideia um pouquinho...

— Horrível — ela completa

— É. — Ayla estala a língua e sei que não consegue achar as melhores palavras. Me viro de frente para ela. — Queria que meu pai não tentasse, sei lá, ganhar visibilidade em cima disso. É horrível, é cruel. Comigo, talvez com a minha mãe, com todo mundo que realmente amava James, porque ele não é capaz ter esse sentimento.

— Sinto muito por isso, Allie. Pelo seu pai ser um grande babaca. Não que a sua mãe fique muito atrás.

— Acho que eu deveria estar acostumada já. — Dou de ombros outra vez e ela afaga meu braço. — Ele sempre foi assim, foi ingenuidade minha acreditar que alguma coisa mudaria depois do que aconteceu com James.

— Bem, talvez tenha sido bastante fé, porém não acho que tenha sido ingenuidade. Seu irmão morreu não faz nem um ano ainda e ele já está com ideias de fazer com que a QU tenha uma visibilidade em cima disso. É cruel — Ayla diz, se virando de barriga para baixo na cama e me olhando. — Ele era o melhor jogador do time e, conseqüentemente, o capitão, ganhou o Frozen Four ano passado com os Foxes, mas James ainda é... era, o filho dele.

— Só queria que ele esperasse um pouco mais — admito —, talvez para fingir que realmente sente a falta dele. — Solto um longo suspiro e volto meus olhos para Ayla. — Desculpa, sei que às vezes trago esse assunto à tona e nem mesmo...

— Tá tudo bem, Allie. Eu e seu irmão estávamos juntos há três meses antes do acidente. Era divertido e estávamos gostando um do outro, porém não é como se eu fosse uma namorada de longa data que perdeu... o homem da sua vida. James era um cara incrível, apesar de eu nunca ter imaginado isso, mas... ambos sabíamos que era passageiro. Além do mais, eu era só uma ficante, você é a irmã dele.

— Era — corrijo, desanimada, arrancando dela um olhar doloroso e com uma pontada de pena.

Ayla e James começaram a se envolver um tempo depois da vitória no Frozen Four, o que é um pouco irônico já que ela não gosta de jogadores e James era o capitão do time, vieram as férias de verão e eles se separaram, mas quando setembro chegou com a nova temporada a todo vapor, os dois resolveram elevar os níveis

do que tinham. Eu era uma amiga muito feliz por chamar minha melhor amiga de cunhada. Os Red Foxes estavam arrasando novamente, ainda que eu odeie admitir que sabia um pouco sobre os resultados, e então veio o acidente.

O time desandou, não consigo lembrar se chegaram às semifinais. James era do tipo de pessoa que segurava as pontas, no ringue e dentro de casa. Nós não nos dávamos bem na maioria do tempo, haviam brigas que foram se intensificando quando fomos ficando mais velhos, mas ele sempre foi a pessoa que me manteve nos jantares, nos eventos sociais, nos aniversários chatos. Apesar de tudo, James ainda era o que mais me mantinha como parte da família.

— Acredito que o assunto ficou um pouco pesado — Ayla fala baixo, mas sei que seu humor é um pouco forçado, porque ela também sente falta dele. — Você estava me falando de um certo garoto.

— Não tem nada para falar sobre ele. Era um do tipo bonitinho, porém nunca o vi por lá alguma outra vez, e estava estudando algo que envolvia economia, não sei se pessoas que gostam de números são assim tão confiáveis — brinco, levantando os ombros e tentando dissipar o assunto desagradável que se formou por alguns instantes. — Eu o ajudei, foi só isso. Agora me conte sobre o seu dia — peço, me virando na cama também e esperando para ouvir atentamente algo realmente interessante.

Porque Ayla sempre tem dias interessantes, ou é uma ótima contadora de histórias e sabe fazer com que acontecimentos sem graça se tornem interessantes.



— Eu não entendo, querida — minha mãe começa —, sabe que pode passar a noite.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Todos os Momentos ao Seu Lado" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).